

# V Congresso Literacia, Media e Cidadania

## Resumos

### Comunicações Livres 1 – Mesa 2

### **Jovens e Media I**

03 maio 2019 | 11h30 – 13h00 | Sala 23.3.4

### Índice

<i>Literacia para os Média dos estudantes do Ensino Básico e Secundário – uma análise de resultados do MABE em 2015 e 2017</i> .....	2
<i>“Que situações na internet incomodam pessoas da tua idade?” As respostas de crianças e jovens portugueses</i> .....	4
<i>Produção Midiática e Educomunicação: Tensões e desafios no Ensino Médio</i> .....	6
<i>Literacia digital: um caminho para o enfrentamento a violência online contra meninas</i> .....	8
<i>As Práticas Pedagógicas Educomunicativas na integração da escola com a glocalidade</i> .....	9

## ***Literacia para os Média dos estudantes do Ensino Básico e Secundário – uma análise de resultados do MABE em 2015 e 2017***

Ana Novo (CIDEHUS/Universidade de Évora e Universidade Aberta)

Glória Bastos (CEMRI/Universidade Aberta)

*Palavras-chave: literacia para os média, Ensino Básico e Secundário, RBE, MABE*

### **Resumo:**

O processo de avaliação das Bibliotecas Escolares (BE), desenvolvido pelo Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), tem vindo a realizar-se, desde 2011, através da aplicação do “Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar” (Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, 2008; Conde, Martins & Ochôa, 2013). Este instrumento pretende orientar a autoavaliação da BE, e assenta num conjunto de elementos, entre os quais a recolha de dados, na forma de questionários, aplicados a estudantes, professores, encarregados e educação e diretores dos estabelecimentos de ensino. O MABE contempla quatro domínios (A. Currículo, literacias e aprendizagem, B. Leitura e literacia, C. Projetos e parcerias e D. Gestão da Biblioteca Escolar) que constituem parcelas de análise e avaliação em harmonia com os principais eixos de trabalho da BE, sendo no domínio A. Currículo, literacias e aprendizagem, que se aponta para uma atuação na área da literacia mediática, concretamente no subdomínio A2. Formação para as literacias da informação e dos média.

Propomos, na nossa comunicação, examinar as respostas obtidas através dos questionários aplicados no referido âmbito, a estudantes dos distritos de Évora, Leiria, Setúbal e Vila Real, nos anos de 2015 e 2017, articulando com os relatórios de melhoria realizados pelos professores bibliotecários dos mesmos distritos. Essa análise foca-se nas questões que remetem de forma mais direta para o subdomínio A2, concretamente as perguntas sobre a realização de atividades relacionadas com a comunicação social (jornais/ revistas, televisão e rádio) e o desenvolvimento de competências para a publicação de conteúdos na Internet e aquisição de comportamentos seguros nesse contexto.

A análise efetuada cruza regiões, nível de escolaridade e os dois períodos temporais indicados, verificando as incidências e os contrastes nas dimensões estudadas no universo observado. Pretendemos perspetivar o papel da BE nas questões da literacia mediática e apontar caminhos de desenvolvimento.

**Referências bibliográficas:**

Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares. (2008). Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares. Lisboa: RBE. Retirado de <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/31.html>

Conde, E., Martins, R. & Ochôa, P. (Coord.). (2013). *MABE - Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar 2014-17*. Lisboa: RBE. Retirado de [https://www.aemoncao.com/sites/default/files/modelo\\_de\\_avaliacao\\_da\\_be\\_-\\_rbe.pdf](https://www.aemoncao.com/sites/default/files/modelo_de_avaliacao_da_be_-_rbe.pdf)

## **“Que situações na internet incomodam pessoas da tua idade?” As respostas de crianças e jovens portuguesas**

**Cristina Ponte** (NOVA FCSH, ICNOVA)

**Daniel Cardoso** (Universidade Lusófona)

**Eduarda Ferreira** (CICS.NOVA)

*Palavras-chave: práticas digitais, segurança digital, riscos*

### **Resumo:**

Esta comunicação analisa os resultados da pergunta aberta, sobre situações na internet que incomodam crianças e jovens, colocada nos questionários do inquérito europeu EU Kids Online, realizados em Portugal em 2018.

A agenda pública sobre riscos e segurança digital tem sido definida por adultos (pais, professores, decisores, os média, etc.) em torno de valores sobre o que se considera como inapropriado ou lesivo para o desenvolvimento e bem-estar dos mais novos mas importa incluir as vozes de crianças e jovens. Com na pesquisa sobre crianças e média, a rede europeia EU Kids Online (Hasebrink et al., 2009) destaca três posições online que podem ser ocupadas pelos internautas mais novos no que se refere a riscos: como destinatários de conteúdos massivamente distribuídos e de cariz negativo (riscos de conteúdos), como participantes em contactos iniciados por adultos (riscos de contacto); como agentes ou vítimas de situações que envolvem pares (riscos de conduta). Mais recentemente foi introduzida por Hasebrink et al. (2018) uma quarta dimensão, os riscos decorrentes do ambiente de mercado, que coloca crianças e jovens como ‘partes contratantes’ para os fornecedores de serviços digitais (riscos de contrato).

Estas quatro grandes categorias foram aplicadas ao conteúdo das respostas abertas, seguindo os parâmetros estabelecidos em análise anterior (Livingstone et al., 2014). Desse modo é possível responder às seguintes questões: Que situações na internet incomodam crianças e jovens (9 a 17 anos) em 2018 e como são referidas? Coincidem ou divergem relativamente às preocupações públicas sobre os usos da internet pelos mais novos? Que diferenças e que semelhanças existem nas perceções de risco por género e por idade? Tendo presente a mesma pergunta respondida em 2010, o que mudou e o que permaneceu nas respostas de jovens internautas, em 2018?

Na análise de conteúdo, foi assegurada a fiabilidade da codificação, realizada por dois membros da equipa.

**Referências bibliográficas:**

Hasebrink, U., Livingstone, S. & Haddon, L. (2009). *Comparing children's online opportunities and risks across Europe: cross-national comparisons for EU Kids Online*. London: LSE, EU Kids Online.

Hasebrink, U., Rechlitz, M., Dreyer, S., Bruggen, N., Gebel, C. & Lampert, C. (2018, novembro). What are you concerned about? Classifying children's and parents' concerns regarding online communication. Comunicação apresentada na VII Conferência da ECREA, Lugano.

Livingstone, S., Kirwill, L., Ponte, C. & Statkrud, E. (2014). In their own words. What bothers children online? *European Journal of Communication*, 29(1), 271-288.

## ***Produção Midiática e Educomunicação: Tensões e desafios no Ensino Médio***

**Marciel Aparecido Consani** (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo)

**Patricia Zimmermann** (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo)

*Palavras-chave: escola pública, ensino médio, educomunicação, cultura digital*

### **Resumo:**

Esta comunicação trata de um conjunto de ações de extensão universitária que tiveram lugar no biênio 2017-2018 em escolas públicas do Ensino Médio e Técnico da Grande São Paulo as quais foram protagonizadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) vinculado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Tais ações, particularmente aquelas voltadas para a formação dos estudantes, resultaram no desenvolvimento de estratégias e materiais embasados na utilização das novas tecnologias para a produção de conteúdos criativos e viáveis para o fortalecimento do uso democrático da mídia no ambiente escolar numa perspectiva e pressupostos da Educomunicação. Contaram com a colaboração de estudiosos desta área de conhecimento em nível de Graduação — alunos do curso de Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP — e de Pós-Graduação — pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação (PPGCOM) da mesma escola.

Além de verificar a aplicabilidade da abordagem educ comunicativa num contexto pouco usual, pesou como justificativa para nossas ações extensionistas, as demandas pedagógicas apresentadas por parte dos gestores, docentes e estudantes das escolas atendidas. Estas, se referiam, não apenas às questões curriculares e didáticas do lócus escolar, mas de forma mais inquietante, às próprias dificuldades nas relações interpessoais dentro das escolas, evidenciando manifestações daquilo que Kaplún (2012) chamaria de “incomunicação”.

O registro e o acompanhamento das estratégias mencionadas, bem como as devolutivas proporcionadas pelos envolvidos na forma de avaliações por professores/gestores e produções midiáticas realizadas pelos alunos, garantiram objetos de análises substanciais para aferir o impacto destas intervenções.

Outro conceito-chave fundamental no quadro das estratégias de Extensão/Investigação Participante é de Ecosistema Comunicativo, cuja construção, segundo Soares (2012, p. 45) se opera “pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a

reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência”.

No contexto de nossas intervenções, esperamos que a Educação mediática proporcione canais e oportunidades para alinhar os objetivos de professores e alunos para uma relação pedagógica eficaz — no sentido de cumprir os objetivos do Ensino Médio/Técnico — mas, também, prazerosa e, em quaisquer dos casos, significativa.

**Referências bibliográficas:**

Kaplún, M. (2011). Educomunicação: um campo de mediações. In Citelli, A. O. & Costa, M. C. C. (Orgs.), *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas.

Soares, I. O. (2012). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas.

## ***Literacia digital: um caminho para o enfrentamento a violência online contra meninas***

**Natália Oliveira Teles da Silva** (Universidade de Brasília)

**Janara Kaline Leal Lopes de Sousa** (Universidade de Brasília)

*Palavras-chave: literacia digital, internet, violência online, violência de gênero*

### **Resumo:**

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel da Literacia Digital no enfrentamento às violências que ocorrem no ambiente online, contra meninas e mulheres, a partir do processo de capacitação e promoção de habilidades e competências para o ambiente digital, desenvolvidos pelo projeto: Escola de App: enfrentando a violência online contra meninas. Tendo em vista que o objetivo do projeto é discutir a questão da violência contra a mulher, relacionadas à privacidade e segurança na Internet, e ensinar alunas de escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal a programar aplicativos, nos propomos analisar como os principais aspectos da Literacia Digital podem ser observados no processo de desenvolvimento dos aplicativos pelas participantes do projeto. Além disso, a partir desta análise busca-se compreender como o envolvimento em práticas de Literacia Digital contribui para o protagonismo feminino e enfrentamento às violências online. As principais técnicas de pesquisa selecionadas são: revisão de literatura, de trabalhos relacionados de literacia digital, violência online e violência de gênero pois tratam-se de conceitos que fundamentam teoricamente o trabalho. Em seguida a partir de uma análise qualitativa, investigar-se como o processo de produção de aplicativos, cujo esteio é a Literacia Digital, pode contribuir para o enfrentamento da violência online contra meninas. Logo, foram analisados o processo de produção de três aplicativos feitos por meninas de escolas públicas de Ensino Médio do Distrito Federal. Esta análise contemplou a capacidade do processo de aproximar as meninas do entendimento sobre a questão de gênero e do cenário de violência online, bem como de produzir aplicativos que demonstrem que as participantes compreenderam a produção de conteúdo para o meio, o papel estratégico-político desse conteúdo, bem como o aproveitamento do conhecimento técnico em nome da construção dos próprios espaços de fala.

## ***As Práticas Pedagógicas Educomunicativas na integração da escola com a glocalidade***

**Rafael Gué Martini** (Centro de Educação a Distância/Universidade de Estado de Santa Catarina)

*Palavras-chave: educomunicação, práticas pedagógicas educomunicativas, audiovisual na escola, tecnologia educativa*

### **Resumo:**

O tema do artigo são as Práticas Pedagógicas Educomunicativas (PPE), estudadas como estratégia de fortalecimento dos ecossistemas educomunicativos da escola básica em diálogo com a glocalidade (Silva, 2002). Essas práticas tem por princípio a Educomunicação, abordagem epistemológica latino-americana de caráter sociopolítico e educacional, que engloba educação e comunicação na mobilização das consciências em torno de propósitos coletivos de leitura e de construção do mundo (Soares, 2015).

A evolução tecnológica fortaleceu diversas agências de formação que tornam o espaço institucional educativo cada vez mais difuso e a autonomia um fator de diferenciação na edição crítica do mundo (Baccega, 2011). Os processos midiático-tecnológicos influenciam a sociedade como uma agência de formação eminente (Porcher, 1977), o que exige a reflexão sobre a necessidade de novos paradigmas sociotécnicos e comunicacionais (Huerger, 2010; Citelli, 2011; Vizer, 2012) onde o papel da escola é ressignificado. Neste contexto, as ideias de Freire (1983, 1996) e Kaplún (1996, 1998) renovam sua atualidade por meio da Educomunicação, enquanto um novo paradigma reafirmado em *Educar com a Mídia, novos diálogos sobre educação* (Freire & Guimarães, 2013).

Nesse quadro teórico realizamos um estudo de caso qualitativo sobre as PPE desenvolvidas pelo programa de extensão *Educom.Cine: Participação e Cidadania*, cujo objetivo foi indicar as possibilidades de (re)integração de uma escola básica brasileira com as principais agências de formação glocal. O Educom.Cine ofertou oficinas de produção audiovisual no contraturno escolar para uma turma formada por voluntários de organizações locais e estudantes do 6.º ao 9.º ano de uma escola municipal da cidade de Florianópolis, no Brasil. A finalidade do programa, realizado em 2015, foi a promoção da alfabetização audiovisual de 22 adolescentes participantes.

Como instrumentos de recolha de dados foram utilizadas as entrevistas semi-estruturadas, o diário de campo do pesquisador/participante e o grupo focal. A seleção da amostragem para as entrevistas seguiu o critério de homogeneidade, contemplando 15 adultos envolvidos. Para o grupo focal o critério foi a representatividade, envolvendo

nove adolescentes. A análise qualitativa dos dados (Gibbs, 2009) foi auxiliada pelo software NVivo e alicerçada nas Epistemologias do Sul (Santos & Meneses, 2009), na Educomunicação (Soares, 2011) e em seis domínios de análise sociocomunicacional (Vizer, 2012). Facultando espaço e voz aos atores sociais, que no contexto local conceberam práticas e produzem conhecimento, foram avaliadas as práticas do programa a partir da análise documental, do diário de campo do coordenador/pesquisador, dos audiovisuais produzidos, de dois grupos focais realizados com alunos e das entrevistas semiestruturadas com os profissionais envolvidos em sua execução.

Os resultados indicam que as PPE desempenham papel integrador ao fortalecer as redes interinstitucionais locais e promover a emancipação dos sujeitos, que tornam-se capazes de estabelecer elos entre as agências de formação midiático-tecnológica, sociocomunitária e escolar. Tendo como princípio a empatia e a co-criação artística, as PPE mobilizam recursos humanos e tecnológicos em mediações dialógicas que fortalecem os ecossistemas educacionais. Dessa forma, estabelecem novas relações de aprendizagem significativa entre os estudantes e as diversas agências de formação que, a partir da escola, repercutem globalmente.

### **Referências bibliográficas:**

- Bacega, M. A. (2011). Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In M. C. C. Costa & A. O. Citelli (Orgs.), *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento* (pp. 31–41). São Paulo: Paulinas.
- Citelli, A. (2011). Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In M. C. C. Costa & A. O. Citelli (Orgs.), *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento* (pp. 59–76). São Paulo: Paulinas.
- Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. & Guimarães, S. (2013). *Educar com a Mídia: Novos diálogos sobre a Educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.
- Huergo, J. A. (2010). Una guía de comunicación/educación, por las diagonales de la cultura y la política. In R. Aparici (Ed.), *Educomunicación: más allá del 2.0* (pp. 65-104). Barcelona: Gedisa Editorial.
- Kaplún, M. (1996). *El comunicador popular*. Buenos Aires: Lumen-humanitas.
- Kaplún, M. (1998). *Una pedagogía de la comunicación*. Madrid: Ediciones de La Torre.
- Porcher, L. (1977). *A escola paralela*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.
- Silva, B. (2002). A Glocalização da Educação: da escrita às comunidades de aprendizagem. In *O particular e o global no virar do milénio: Cruzar Saberes em Educação. Actas do 5.º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (pp. 779-788). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Soares, I. de O. (2011). *Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas.
- Soares, I. O. (2015). A Educomunicação em diálogo com as tecnologias, na educação básica. *Comunicação & Educação*, 19(1), 7–14.
- Vizer, E. A. (2012). *Comunicación y Socioanálisis: Estrategias de investigación e intervención social*. Editorial Académica Española.